

A LINGÜÍSTICA DESCRITIVA

Paulo A. Froehlich

O presente trabalho constitui um relatório das principais técnicas e princípios fundamentais da lingüística descritiva usadas por vários pesquisadores, embora sem a preocupação de estabelecer ligação formal com esta ou aquela orientação lingüística. Estas técnicas de análise descritiva são exemplificadas através de problemas com base em específicos **corpus** lingüísticos. Não constitui um relatório crítico dos vários métodos paralelos ou divergentes de descrição lingüística existentes atualmente. Isto resulta de absoluta falta de tempo para a apresentação de um trabalho de maior fôlego, pois encontra-se o autor pressionado na elaboração de um outro trabalho com prazo curto e que exige muito maior atenção nas circunstâncias atuais. Finalmente, serão apresentadas algumas conclusões práticas que a lingüística descritiva poderá sugerir para o estudo das línguas vivas, sem entretanto, prescrever regras absolutas e infalíveis.

I) CONCEITUAÇÃO

Para conceituar bem o que se entende por lingüística descritiva são muito apropriadas as seguintes afirmações proferidas por Zellig S. Harris no seu livro **Structural Linguistics** (cap. 2, Preliminares Metodológicas, pp. 5-6) :

"A Lingüística Descritiva, como o termo está sendo usado, é um campo particular de pesquisa que trata não da totalidade das atividades da fala, mas das regularidades em certos traços fônicos. Estas regularidades se encontram nas relações de distribuição entre os traços fônicos em questão, i.e., a ocorrência desses traços relativamente uns aos outros, dentro de enunciações. É certamente possível estudar as várias relações entre partes ou entre traços fônicos, p. ex. semelhanças (ou outras relações) de som ou de sentido, ou relações genéticas na história da língua. Entretanto, a principal pesquisa da

lingüística descritiva (e a única relação que será aceita como relevante na atual análise), é a distribuição ou disposição no fluxo fônico de certas partes ou traços em relação a outros. ...

O único passo preliminar que é essencial a esta ciência é a restrição da distribuição como determinante da relevância da pesquisa. Os métodos particulares descritos neste livro não são essenciais. Eles são oferecidos como procedimentos gerais de análise distribucional aplicável a materiais lingüísticos... A escolha de específicos procedimentos aqui selecionados para tratamento detalhado e, entretanto, em parte determinada pelas próprias línguas das quais os exemplos são extraídos. A análise de outras línguas poderia conduzir à discussão e elaboração de outras técnicas... Isto seria verdadeiro desde que as novas operações tratassem essencialmente da distribuição dos traços fônicos relativamente a outros traços nas enunciações, e desde que fossem executados explicitamente e com rigor científico”.

II) DEFINIÇÃO DE PRINCIPAIS TERMOS FUNDAMENTAIS

a. Enunciação. É tudo o que um falante nativo de uma comunidade lingüística pode pronunciar com finalidades de comunicação. Vai desde o simples “sim”, “não”, “talvez”, até às mais extensas mensagens lingüísticas, amiúde referidas como período, de vários tipos e duração. As enunciações são geralmente interrompidas por espaços de silêncio que poderão ser de maior ou menor extensão. O procedimento geral da lingüística descritiva é analisar cada enunciação de per si e nunca várias enunciações ao mesmo tempo. O pesquisador geralmente analisa as inter-relações de elementos dentro de uma enunciação num momento (i.e., separadamente). Poderá (e geralmente assim procede) entretanto, comparar as inter-relações em cada enunciação que se apresenta, para estabelecer princípios gerais de inter-relacionamento com relação a uma determinada língua ou dialeto. Isto porque geralmente os grupos de enunciações não passam de repetições de processos que ocorrem em cada simples enunciação. Este é o único método que possibilita a análise do material e capacita o lingüista a descobrir os relacionamentos entre os vários elementos que constituem a estrutura das enunciações e possibilitar a formulação de princípios que regem a tôdas as enunciações com relação a uma língua ou dialeto.

b. Fluxo Fônico. É a corrente, série, ou segmento de elementos ou unidades que se sucedem em fluxos relativamente curtos numa dada língua ou dialeto. A diferença entre enunciação e fluxo fônico é mais de aspecto ou de ponto de vista do que de natureza essencial, porque tôdas as enunciações são formadas de segmentos maiores ou menores de fluxo fônico. No fluxo fônico temos a nossa atenção voltada para o caráter linear ou segmental da enunciação; que esta é constituída de unidades ou elementos que se sucedem uns aos outros; na enunciação a nossa atenção está voltada para os períodos audíveis limitados por períodos de silêncio, porém considerados globalmente; no fluxo fônico a nossa atenção está voltada para os elementos constitutivos.

c. Traços Fônicos. São todos os possíveis elementos fônicos identificáveis acústicamente) no fluxo fônico ou nas enunciações, e que podem ocupar um lugar definido dentro da estrutura geral de uma língua dada. Nem todos os traços acústicos (ou fonéticos) são traços fônicos, pois apenas uma parte é utilizada para fins de comunicação; o restante é ignorado ou relegado à condição de traços irrelevantes. Os traços fônicos (ou simplesmente fones) constituem, no nível fonético, o fundamento da base articulatória, ou padrão fonético, que se caracteriza pela escolha tôda especial que uma língua ou dialeto faz, da totalidade de possíveis traços fônicos, e lhes confere um **status** determinado e restrito.

d. Distribuição. É a soma de ocorrências de um ou mais traços fônicos em relação a outros nas enunciações de uma determinada língua. É a descrição detalhada de tôdas as posições onde um dado elemento pode ocorrer. Corolário muito importante é a relatividade da distribuição de um dado elemento numa língua. Sob o ponto de vista puramente descritivo não podemos falar, p. ex., dos fonemas hipotéticos indo-europeus *p, *t, *k, quando se observa que cada língua e dialeto (mesmo dentro do mesmo grupo ou sub-grupo lingüístico, historicamente falando), constituem uma estrutura fonética tôda particular e única nas padronizações. Concomitantemente, sômente podemos dizer que um elemento x é descritivamente equivalente a um elemento y quando distributivamente se correspondem em todos os seus pontos, i.e., quando ocorrem em contextos equivalentes e podem, portanto, ser substituídos um pelo outro, indiferentemente. Assim, podemos dizer que na língua inglesa os elementos fônicos p, t, k,

em início de palavra, são descritivamente equivalentes, como podemos ver pelo seguinte:

[iyt]	[it]	[il]	[in]	[ót]	[aet]	[ent]	[ó:l]
p-eat	p-it	p-ill	p-in	p-ot	p-at	p-ent	p-aul
t-eat	t-it	t-ill	t-in	t-ot	t-at	t-ent	t-all
k-eats	k-it	k-ill	k-in	c-ot	c-at	k-ent	c-all

Embora os exemplos acima não incluam a totalidade de contextos de ocorrência em posição vocábulo-inicial, demonstram que, em linhas gerais, os elementos fônicos p, t, k, são (no que se refere à ocorrência), distributivamente equivalentes, ou apresentam, nesta posição, distribuição livre, i.e., qualquer desses elementos pode ocorrer com qualquer dos contextos fônicos ocorrentes, ou com qualquer dos demais elementos fônicos com os quais formam seqüências padronizadas.

Quando afirmamos, que nas enunciações de uma língua dada temos a seqüência x-y, isto quer dizer que o elemento y somente pode ocorrer na posição indicada, i.e., logo após o elemento x e nunca antes, salvo sob indicação explícita. Como podemos ver através do seguinte corpus da língua miwok (Califórnia):

[lot-i-m] — eu agarro	[lot-i-t] — êle me agarra
[? in-i-m] — eu venho	[? in-i-t] — êle vem a mim
[siyich-i-m] — eu vigio	[siyich-i-t] — êle me vigia
[yil-i-m] — eu mordo	[yil-i-t] — êle me morde
[lot-a-k] — vocês agarraram	[lot-i-k] — vocês agarram
[? in-a-k] — vocês foram	[? in-i-k] — vocês vão
[siyich-a-k] — vocês vigiaram	[siyich-i-k] — vocês vigiam
[yil-a-k] — vocês morderam	[siyich-i-k] — vocês mordem

Aqui observamos que estes itens léxicos são constituídos por elementos distintos que ocupam três posições respectivas (ou relativas) a-b-c. Os elementos lot-, ?in-, siyich-yil-, somente podem ocupar a posição "a"; os elementos -a- ou -i- somente podem ocupar a posição "b"; os elementos -m, -k, -t, somente podem ocupar a posição "c". É esta uma distribuição linear mandatória. Estes dois processos de comparação distribucio-

nal ora apresentados, através do problema da língua inglesa e da língua miwok, poderiam também ser respectivamente descritos como **distribuição simultânea** e **distribuição linear**.

Se numa língua dada temos os elementos fônicos $x, x', x'' \dots n$, e observamos que cada um desses elementos fônicos estão mutuamente relacionados a um certo padrão fônico; se também nessa língua temos os contextos fônicos $y, y', y'' \dots n$, que também estão respectivamente relacionados a esse padrão fônico; se afirmamos que os elementos fônicos $x, x', x'' \dots n$, respectivamente ocorrem com os contextos fônicos $y, y', y'' \dots n$, então sabemos que os elementos fônicos x, x', x'' nunca podem ser descritivamente equivalentes, mas apresentam **distribuição complementar**. Como podemos ver através do seguinte **corpus** da língua oneida (Estado de Nova York):

[zh] — surda branda

1. [zhátyi] — sente-se
2. [zhayólhiye?] — o próximo dia
3. [lákzha] — menino
4. [lóhzhu] — ele já terminou
5. [tha?zhítha?] — ele o derruba aqui
6. [tkakhawákzhi] — a pior comida
7. [tzhá:kat] — o mesmo
8. [wáhzeke] — você o comeu

[z] — sonora branda

9. [kawine:zú:ze?] — palavras longas
10. [kha:wíze?] — estou levando comigo
11. [lá:zel] — deixe-o arrastar
12. [tahá:zîhte?] — ele derboute-o

13. [tuzahatite:ní] — eles mudaram de novo

14. [weza:ki] — ela o viu

[s] — surda tensa

15. [láshet] — deixe-o contar
16. [la?slu:ní] — homens brancos
17. [loyeswá:tu] — ele tem brincado
18. [skahnéhtat] — um pinheiro
19. [thiska:té] — diferente
20. [sni:núhe] — você compra.
21. [washisnistake?] — você comeu milho

[sh] — surda tensa

22. [shvá:túhe?] — você escreve
23. [téhshya?k] — deixo você quebrar
24. [ya?tisvatekhásshyahte?] — de repente, eles se separaram novamente.

Aqui observamos que os elementos fônicos [z], [zh], [s], [sh], estão sistematicamente relacionados; constituem, descriptivamente, um padrão fônico. Estes vários elementos fônicos estão também sistematicamente relacionados com quatro contextos fônicos distintos e mutuamente exclusivos. O elemento fônico [z] — sonora branda — (itens 9, 10, 11, 12, 13, 14) somente ocorre em posição silábico-inicial (mas não vocábulo-inicial); o elemento fônico [zh] — surda branda (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8) somente ocorre em posição inicial, ou medial quando precedido de um elemento fônico surdo (? , h, k); o elemento fônico [s] — surda tensa — (itens 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21) somente ocorre quando seguido de um elemento fônico consonântico (h, l, w, n, t); e finalmente o elemento fônico [sh] — surda alveopalatal tensa — (22, 23, 24) somente ocorre com o contexto fônico [y]. Os elementos fônicos [z], [zh], [s], [sh], poderão ser substituídos pelos sub-rogados x, x', x'', x''', e os contextos fônicos correspondentes pelos sub-rogados y, y', y'', y''', e vemos que as ocorrências são efetivamente x-y, x'-y', x''-y'', x'''-y''', e concluímos daí que os elementos fônicos x, x', x'', x''', constituem um único padrão fônico e que cada respectivo elemento fônico está em distribuição complementar com os demais elementos fônicos. Está patente aqui a distribuição complementar ou distribuição posicional, i.e., onde um elemento ocorre, nenhum dos outros ocorre, e vice-versa.

Estes dois exemplos ora citados também demonstram a relatividade de distribuição de um dado elemento x numa língua ou dialeto. Mas poderemos também apresentar o mesmo fato, tomando-se em consideração três línguas distintas e verificar que não podemos fazer paralelismos sem uma análise bem detalhada. Tanto no inglês (Europa Ocidental), como no yoruba (Nigéria, Africa Ocidental), como no machipu (Brasil Central), existe um elemento fônico, o [ng] (ou n velar), com características acústicas semelhantes. Porém de que vale dizer que estas três línguas possuem o mesmo traço fônico [ng]? Esta afirmação não nos fornece nenhuma informação precisa sobre os relacionamentos deste determinado traço fônico [ng] nestas línguas. É necessário estudarmos a sua distribuição. Vemos então, que no inglês, o elemento fônico [ng] somente ocorre na posição final de raiz e precedido dos contextos fôni-

cos [I], [ae], [o], [i], como ocorreu respectivamente nas palavras **sing, sang, song, sung**; e também no sufixo verbal -ing [ng], p. ex., como em **sing-ing, rin-ing, long-ing, study-ing**.

Já na língua yoruba observamos que o elemento fônico [ng] sòmente ocorre na posição silábico-inicial, porém sòmente quando seguido dos elementos consonânticos [k], [g], [w]. Como podemos ver através dos seguintes exemplos:

[mbá] — está alcançando	[nwá] — está chegando
[mba] — está escondendo	[nlo] — está indo
[mbà] — está empoleirado	[njó] — está lutando
[mfó] — está quebrado	[nté] — está espalhando
[ngko] — está escrevendo	[ndùn] — está doendo
[ngún] — está subindo	

Ademais, notamos que o elemento fônico [ng] está de um certo modo ligado ao sentido de “presente contínuo” dessas formas verbais.

Finalmente, na língua machipu observamos que o elemento fônico [ng] sòmente ocorre em posição silábico-inicial, em contexto com qualquer vogal, não sendo observada ocorrência em nenhuma outra posição. P. ex.:

[ngongo] — pó, terra	[thawínga] — jacaré
[ngúne] — lua	[hwúnge] — ovo
[túnga] — água	[kánga] — peixe
[hwitúngu] — cabeça	[hwingi] — mandioca
[olóngu] — passarinho	[yumutúngu] — flor

Podemos, portanto, ver pelo que ficou exposto acima quão importante é a determinação da distribuição de um elemento dado numa língua. Mais adiante iremos ver como estas padronizações de ocorrência determinam de um modo marcante o aprendizado de uma segunda língua por nativos dessas línguas.

e. Contexto. Ou posição de um elemento dado é a proximidade de outros elementos que estão em relação com este elemento em questão. Indica ocorrência antes, ou depois, de determinados elementos em relação com o elemento sob consideração. É, em outras palavras, a contigüidade que sempre exerce certa influência sôbre um elemento em questão. Assim, na língua tolojabal (México), vemos que os elementos fônicos [t] e [th] apresentam esta variação de traços fonéticos devido ao fato de estarem em contextos fônicos mutuamente exclusivos, como podemos ver através dos seguintes exemplos:

[chitam] — porco	[chatath] — nome de planta
[makton] — venda (de olhos)	[muth] — frango
[potoch] — nome de planta	[nahath ^h] — comprido
[tinan] — de ponta à cabeça	[?inath] — semente

Onde vemos que o elemento fônico [t] está sempre seguido de contexto vocálico, ao passo que o elemento fônico [th] está sempre seguido do contexto fônico [∅] (silêncio). Em outras palavras, poderíamos dizer que o elemento fônico [t] ocorre em início e meio de palavras, ao passo que o elemento fônico [th] somente ocorre em fim de palavra (diante de uma juntura). Pelo menos esta é a conclusão baseada no **corpus** acima. É possível que com um **corpus** maior tenhamos que modificar pelo menos em parte a nossa conclusão.

Outro exemplo é o do dialeto bolonhês do italiano. Há nessa língua os elementos fônicos [l], [ly], [l^w], [lh]. A ocorrência de cada um desses elementos é condicionada por contextos fônicos mutuamente exclusivos, como podemos ver através do seguinte corpus :

- | | |
|-----------------------------------|------------------------------|
| 1. [ragasulw'] — menina | 10. [avril:l] — abril |
| 2. [vo:lw't'] — vêzes | 11. [fradé:l] — irmão |
| 3. [achko:lw'] — chale | 12. [frade:l] — irmãos |
| 4. [alh-minómm'] — meu nome | 13. [li] — ela |
| 5. [alh-minut:t'] — o minutò | 14. [latu:lw'] — (ê) pega |
| 6. [alh-midia:t'] — imediatamente | 15. [lu:s] — luz |
| 7. [aly-iónt'] — o dente | 16. [lo] — êle |
| 8. [al-iurach'] — a orelha | 17. [le] — é |
| 9. [aly-ióra] — a hora | 18. [atulan] — (nós) pegamos |

Através dos exemplos acima podemos ver claramente como o contexto exerce maior ou menor influência sobre um elemento dado. 1) Observamos que o contexto de ocorrência do elemento fônico [l] é somente quando precedido de vogais posteriores (itens 1, 2, 3), e somente quando a vogal faz parte da mesma sílaba; quando isto não se dá, i.e., quando a vogal precedente pertence à sílaba anterior, o elemento fônico em

questão apresenta outros traços fonéticos, como podemos ver pelas formas [fasula:t'], [a-tulan'], [kutula:t'], onde a divisão silábica é fa-su-la:t', a-tu-lan', ku-tu-la:t'. 2) A ocorrência do elemento fônico [ly] se dá somente quando este é seguido do contexto vogal [i] (não silábica, ou em ocorrência sonântica), (itens 7, 8, 9).3) A ocorrência do elemento fônico [lh] somente se dá quando seguido do contexto [m], o qual provoca a variação, (itens 4, 5, 6). 4) A ocorrência do elemento fônico [l] se dá 1º em posição silábico-inicial, quando seguido de vogal em ocorrência silábica; 2º) em posição silábico-final quando precedido de vogal anterior que pertença à mesma sílaba do elemento fônico em questão (itens 10 a 18). A influência do contexto é muitas vezes exercida mesmo quando situados em outras posições do vocábulo, que não a contingüidade imediata, como podemos ver pelo seguinte corpus da língua turca contemporânea:

- | | |
|----------------------------|------------------------------|
| 1. [bashim] — minha cabeça | 9. [dishim] — meu dente |
| 2. [yashim] — minha idade | 10. [evim] — minha casa |
| 3. [kizim] — minha menina | 11. [elim] — minha mão |
| 4. [balikim] — meu peixe | 12. [zilim] — meu sino |
| 5. [kolum] — meu braço | 13. [gülüm] — minha rosa |
| 6. [kushum] — meu passaro | 14. [gözüm] — meu olho |
| 7. [dostum] — meu amigo | 15. [sütüm] — meu leite |
| 8. [gururum] — meu orgulho | 16. [gönülüm] — meu coração. |

Onde vemos que a ocorrência dos segmentos -im, im, -um, -üm, é determinada pelo segmento vocálico precedente: se for [a] ou [f] ocorre [im]; se for [e] ou [f] ocorre -im; se for [o] ou [u] ocorre -um; se for [ö] ou [ü] ocorre -üm. Este fato é geralmente denominado harmonia vocálica turca. Pelo que ficou exposto acima podemos aquilatar a grande importância do contexto, i.e., do relacionamento exercido por um elemento sobre outro quando em contingüidade, ou mesmo em outras posições. Resta-nos finalmente dizer que este fato lingüístico não deve ser entendido como uma influência “natural” exercida por um elemento sobre outro, p. ex. por um [i] sobre um [s] precedente, tornando-o palatizado, devido à articulação normalmente palatal do elemento fônico [i]. Isto

pode acontecer às vezes, mas não é condição absoluta. O que parece “natural” numa língua pode não ser em outra, e vice-versa; ou tome-se o mesmo exemplo do dialeto bolonhês, já citado, onde não há uma explicação “natural” articulatória para a ocorrência da variante [lh] diante de contexto fônico [m]. O fato importante é o relacionamento mútuo, e a restrição da distribuição de um elemento dado numa língua ou dialeto.

f. Fonema. É um dos conceitos mais importantes da moderna lingüística descritiva. Um dos primeiros passos para a clara compreensão do fato é entender o fonema como a mínima unidade de contraste. As enunciações minimamente diferentes (pares mínimos), diferem em apenas um de seus elementos (segmentos mínimos). Estas enunciações são segmentadas em unidades estruturalmente idênticas (porém não necessariamente idênticas sob o ponto de vista do “tempo” fonético). Assim, temos na língua inglesa os seguintes itens léxicos:

- | | |
|--------------------|----------------------|
| 1. pit [phit'] | 13. team [thiym] |
| 2. bit — [bit'] | 14. deem — [diym] |
| 3. pat — [paet] | 15. town — [thawn] |
| 4. bat — [baet] | 16. down — [dawn] |
| 5. peat — [phiyt'] | 17. cut — [khāt'] |
| 6. beat — [biyt'] | 18. gut — [gāt'] |
| 7. pill — [phil] | 19. come — [khām] |
| 8. bill — [bil] | 20. gum — [gām] |
| 9. tip — [thip'] | 21. cold — [khowld'] |
| 10. dip — [dip'] | 22. gold [gowld'] |
| 11. ton — [thān] | 23. kilt — [khilt'] |
| 12. done — [dān] | 24. guilt — [gilt'] |

Onde vemos que os itens de número par e os itens de número ímpar se contrastam pela ausência, nos primeiros, do traço acústico (fonético) da sonorização das cordas vocais, e da presença, nos segundos, desse traço. Os itens acima são exemplos típicos de pares mínimos, com o traço fonético diferenciador voz-sem voz.

Observemos, porém, mais os seguintes itens :

- | | |
|---------------------|------------------------|
| 25. top — [thóp'] | 31. stóp — [stóp'] |
| 26. tap — [thaep'] | 32. stap — [staep'] |
| 27. tick — [thik] | 33. stick — [stik'] |
| 28. tink — [thingk] | 34. stink — [stingk'] |
| 29. pot — [phót'] | 35. spot — [spót'] |
| 30. pit — [phit'] | 36. spit' — [spit'] |
| 37. tick — [thik'] | 44. attic — [áetik] |
| 38. ting — [thing'] | 45. acting — [áekting] |
| 39. Tom — [thóm] | 46. atom — [áetām] |
| 40. tin — [thin] | 47. eaten — [íytān] |
| 41. purr — [pār] | 48. upper — [āpār] |
| 42. picks — [phiks] | 49. sticks — [stiks] |
| 43. ticks — [thiks] | 50. attics — [áetiks] |

Onde vemos que há uma identidade sob o ponto de vista do “tempo” acústico, mas não do ponto de vista da padronização fonética, entre os itens 25 e 31; 26 e 32; 28 e 34; 37 e 44; 39 e 46; 40 e 47; etc. Os itens [stik], [e' tik'], [thik'], confrontados ainda com [thik], [phiks], [stiks], áetiks, nos revelam que entre o segmento [thik'] e o segmento [stik'] como também entre o segmento [stik'] e o segmento [é'tik], e em outros pares apresentados acima, a mínima diferença é a presença de aspiração em [thik'], [think'], etc., e ausência da mesma em [stik'], [stink'], etc. Observamos também que entre os segmentos [stik'] e [e' tik'] as duas únicas diferenças são: a presença, no item [stik'] do elemento fônico [s], e a presença, no item [e' tik'] do elemento fônico [e]; que também entre os segmentos [phik'] e [phiks], [stik'] e [stiks], [thik'] e [thiks], a mínima diferença é a presença, nos segundos, do elemento fônico [s], o que nos leva a concluir que a sequência [st] não é um segmento mínimo, mas formado de [s + t], em vista do corpus acima. Por outro lado, apesar do inglês apresentar também os itens:

at [aet']	hat [haet']
it [it']	hit [hit']
ell [el]	hell [hel]
owl [aul]	howl [hawl]
err [ār]	her [hār]

A distribuição, e também o ponto de articulação dos dois traços fônicos (o segmento h de [het'] e o segmento h de [phaet'], são completamente diferentes, obrigando-nos a estabelecer que **stap** = s + **tap**, e onde temos estruturalmente, no primeiro item (**tap**), três segmentos, e no segundo item (**stap**), quatro segmentos, enquadrando, portanto, o segmento [th] como em **tap** e o segmento [t] como em **attic** ou **stap**, como dois membros de uma mesma classe, ou como dois pontos de um mesmo padrão fônico, ou fonema. O fonema, sob este ponto de vista é uma mentalização ou ideação, uma teorização necessária para uma simplificação da descrição lingüística, pois, de outro modo permaneceríamos no nível puramente fonético e teríamos que estabelecer um número muito maior de elementos mínimos, que poderia facilitar a descrição de cada variante particular, impossibilitando porém, a visão de conjunto. Esta sintetização de elementos fônicos é, em última análise, a mais importante contribuição da fonêmica à descrição lingüística.

São os seguintes os fatos fundamentais relativos aos fonemas sob o ponto de vista descritivo:

1. segmentos mínimos (contrastes)
2. identidade de "tempo" condicionado pelo padrão fonético.
3. distribuição complementar (variantes posicionais).

g. Morfema. Um dos fatos fundamentais que a nossa observação assinala (depois de têrmos esgotado tôda a segmentação e distribuição fonética de uma língua dada), é que certas seqüências de fonemas recorrem e repetem-se em certos contextos ao longo das enunciações. Como podemos observar, p. ex., através do seguinte corpus do alemão moderno:

machen	fazer	ringen	tocar	gehen	ir
lachen	rir	singen	cantar	sehen	ver
wachen	velar	bringen	trazer	stehen	estar (de pé)
Hand	mão	Licht	luz	Wein	vinho
Land	terra	Nicht	noite	Bein	perna'
Sand	areia	Wicht	anão	Sein	ser, estar

Se tentarmos, dentro do mesmo nível de análise, descobrir o condicionamento de certas alterações, verificamos p. ex., que com a alteração do contexto obtemos, não uma alteração do fonema, mas uma alteração de todo o segmento de fonemas. Como podemos ver pelas seguintes enunciações :

- | | |
|-------------------------------|--------------------------|
| 1. Er wird das Buch aufmachen | Ele vai abrir o livro |
| 2. Er wird das Buch auflachen | Êle vai rir o livro |
| 3. Er wird auflachen | Êle vai dar gargalhadas |
| 4. Er isst das Brot | Êle come o pão |
| 5. Er misst das Brot | Êle sente falta do pão |
| 6. Er misst das Pult | Êle sente falta da mesa. |

Onde observamos que enquanto a enunciação 1 é de ocorrência comum, não se verifica a ocorrência da enunciação 2, e a 3, como a primeira, é também de ocorrência freqüente. Fato semelhante se dá com as três enunciações seguintes. Enquanto a 4ª e a 6ª são de ocorrência comum, a 5ª poderia ocorrer somente em circunstâncias muito especiais. Podemos observar, pois, como já foi dito, que com a alteração do contexto **Brot** por **Pult** (duas enunciações comuns), obtemos, não simplesmente uma alteração do fonema (nas formas **isst** e **misst**), mas uma alteração de tôda a série de fonemas. Do mesmo modo, com a alteração do fonema, obtemos alteração de todo o contexto (p. ex^o: “Er wird das Buch aufmachen” e “Er wird das Buch auflachen”; ou “Er isst das Brot” e “Er misst das Pult”). Êstes fatos nos levam a concluir que temos que considerar êsses parciais recorrentes como unidades ou partes de unidades constituídas de uma certa seqüência de fonemas e pertencendo a um nível distinto de padronização, o nível morfêmico. Os morfemas são, portanto, em primeiro lugar, certos parciais

recorrentes constituídos em geral de uma seqüência limitada de elementos fônicos. Esses parciais recorrentes (ou parciais mínimos) estão invariavelmente associados a um sentido determinado (pois a alteração de um desses elementos recorrentes sempre implica em alteração de mensagem), e dêste modo, são também definidos como os segmentos significativos mínimos (ou a mínima unidade com sentido).

Um dos procedimentos mais comuns para a identificação desses parciais mínimos ou morfemas é verificar se uma dada enunciação pode ser confrontada com outras em seqüências fonêmicas idênticas, com exceção de apenas um desses elementos recorrentes. Como podemos ver através das seguintes formas do moderno dialeto asteca de Veracruz (México):

- | | |
|--|---|
| 1. nichoka — eu choro | 7. nimayanas — eu estarei com fome |
| 2. nichoka? — eu chorei | 8. tichoka — você chora |
| 3. nimayana — eu estou com fome | 9. nichokaya — eu tenho estado com fome |
| 4. nimayana? — eu estava com fome | 10. nichokas — eu chorarei |
| 5. nimayanaya — eu tenho estado com fome | 11. nitehkawi — eu subo |
| 6. timayana — você está com fome | 12. nitehkawi? — você subiu. |

O que temos a fazer é o seguinte:

1. Comparar formas e sentidos
2. Tendo isolado uma possível forma pertinente, confrontar com os demais itens do **corpus**
3. Classificar as alterações e estabelecer as causas (o condicionamento) das alterações.

Como podemos observar, os segmentos dos itens 1 e 2, 3 e 4, 11 e 12, diferem em apenas um ponto, o segmento **-?**, e verificamos que a forma verbal muda de tempo; do mesmo modo vemos que os itens 2 e 10, diferem em apenas um ponto, o segmento **-s**, e verificamos que a forma verbal também muda de tempo; do mesmo modo vemos que os itens 1 e 8, 3 e 6, diferem em apenas um ponto, o segmento **ti-** ou **ni-**, e que êsses segmentos indicam respectivamente mudança de pessoa; etc. Devido à exigüidade do **corpus** acima, não podemos concluir

definitivamente, mas podemos estabelecer provisòriamente que a oclusiva glotal (?) está associada com a formação do passado dos verbos; a sibilante (s) está associada com a formação do futuro dos verbos; os segmentos ni- e ti- são provavelmente prefixos pessoais; e os segmentos coka, maya, teh-kawi indicam respectivamente “chorar”, “estar com fome”, e “subir”.

Outro fato fundamental relativo a êste nível de estruturação é a ordem ou seqüência de posição dos respectivos segmentos recorrentes, uns em relação aos outros. Cada um dos segmentos recorrentes não tem valor absoluto, depende da ocorrência com todos os demais elementos em uma seqüência mandatória. É como o sistema de luzes do tráfego por meio das côres verde, amarelo, vermelho. Isolados, cada um desses elementos não tem valor padronizado, são como farrapos de pano num fundo de quintal. Porém, na seqüência verde-amarelo-vermelho, e em determinados pontos (esquinas), transmitem sentido comunicativo. Em outros lugares, p. ex^o, numa floresta, não teriam sentido algum. O mesmo se dá com a língua, com a estrutura morfêmica; o contexto de luzes é porém substituído pelos outros morfemas numa determinada ordem e com sentidos específicos em situações específicas. Como podemos observar com o seguinte **corpus** da língua sua-hili (África Oriental):

- | | |
|----------------|-----------------------|
| 1. atanipenda | — êle gostará de mim |
| 2. atakupenda | — êle gostará de você |
| 3. atampenda | — êle gostará dêle |
| 4. atakupenda | — êle gostará de nós |
| 5. atawapenda | — êle gostará dêles |
| 6. nitakupenda | — eu gostarei de você |
| 7. nitampenda | — eu gostarei dêle |
| 8. nitawapenda | — eu gostarei dêles |
| 9. utanipenda | — você gostará de mim |
| 10. utampenda | — você gostará dêle |
| 11. tutampenda | — nós gostaremos dêle |
| 12. watampenda | — êles gostarão dêle |
| 13. atanipiga | — êle me baterá |
| 14. ananipiga | — êle está me batendo |
| 15. amenipiga | — êle tem me batido |
| 16. alinipiga | — êle me bateu |
| 17. ninapiga | — eu estou batendo |
| 18. nitapiga | — eu baterei |
| 19. nilipiga | — eu bati |
| 20. nimepiga | — eu tenho batido |

Resumindo as conclusões baseadas nas confrontações dos vinte itens acima, identificamos os seguintes segmentos pertinentes: **ni** primeira pessoa do singular, sujeito e objeto; **u** segunda pessoa do singular, sujeito; **ku** segunda pessoa do singular, objeto; **a** terceira pessoa do singular, sujeito; **m** terceira pessoa do singular, objeto; **tu** primeira pessoa do plural, sujeito e objeto; **wa** terceira pessoa do plural, sujeito e objeto; **penda** sentido de “gostar”; **piga** sentido de “bater”. Estes vários segmentos pertinentes (ou significativos) ocupam posições fixas, ou sucedem-se numa seqüência ordenada e mandatória. No corpus apresentado acima, temos que assinalar quatro posições fundamentais: d-c-b-a, onde “a” somente pode ser preenchido por segmentos da classe “a”, i.e., **penda, piga**; a posição “b” somente pode ser preenchida por segmentos da classe “b”, i.e., **ni, ku, m, tu, wa**; a posição “c” somente pode ser preenchida por segmentos da classe “c”, i.e., **ta, na, me, li**; finalmente a posição “d” somente pode ser preenchida por elementos da classe “d”, i.e. **ni, um, a, tu, wa**. Estas quatro posições também indicam os seguintes sentidos básicos: “a” significação fundamental da enunciação; “b” objeto; “c” tempo da ação; “d” sujeito. Esta é a seqüência mandatória em formas verbais da língua suahili, com base no corpus acima.

Fato semelhante também é encontrado em línguas européas. Como podemos ver pelo seguinte **corpus** do latim:

laudo	laudabam	laudabo
laudas	laudabas	laudabis
laudat	laudabat	laudabit
laudamus	laudabamus	laudabimus
laudatis	laudabatis	laudabitis
laudant	laudabant	laudabunt

Onde vemos que os segmentos -o ou -m, -s, -t, -mus, -tis, -nt, são segmentos indicativos de pessoa; que os segmentos -ba-, -bi-, -bu-, -b -, são segmentos indicativos de tempo (ba = imperfeito; b, bi, bu = futuro); que o segmento -a- classifica o item em questão numa determinada classe, (i.e., primeira conjugação); que o segmento laud- expressa a significação fundamental (i.e., sentido de “louvar”). Temos, portanto, quatro posições: a-b-c-d; a-b-d são de ocorrência mandatória, “c” somente quando necessário. Como no outro exemplo, estas posições somente poderão ser preenchidas por elementos das

respectivas classes a-b-c-d. Pelo que já ficou exposto podemos também afirmar que os segmentos significativos, as mínimas unidades dêsse nível de estruturação são também classes de segmentos e que conferem ao conjunto certas características comuns de significação. Estas classes identificadas acima também são classificadas como “categorias seletivas”.

Outro fato fundamental com relação aos morfemas em geral é a alternância (ou variação) morfêmica. É fato semelhante à variação fonêmica. Assim, pois, os morfemas, como os fonemas, existem em relação uns com os outros, e de acôrdo com o contexto, podem apresentar alternâncias descritivamente identificáveis e classificáveis em vários tipos de acôrdo com o seu condicionamento. Como podemos observar pelo seguinte **corpus** do turco moderno:

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| 1. adam — homem | 31. gülünüz — vossas rosas |
| 2. adamlar — homens | 32. kadınlar — mulheres |
| 3. bash — cabeça | 33. kitap — livro |
| 4. bashlar — cabeças | 34. kîtapım — meu livro |
| 5. bashım — minha cabeça | 35. kîtaamız — nosso livro |
| 6. bashlarımız — nossas cabeça | 36. kîtapım — seu livro |
| 7. balıkım — meu peixe | 37. kızlarım — minhas meninas |
| 8. balıklar — meus peixes | 38. kızım — minha menina |
| 9. balıklarım — meus peixes | 39. kollarımız — nossos braços |
| 10. chöller — desertos | 40. kolum — meu braço |
| 11. dishim — meu dente | 41. kushlar — pássaros |
| 12. dishler — dentes | 42. kushlarım — meus pássaros |
| 13. dostlar — amigos | 43. kushum — meu pássaro |
| 14. dostumuz — nosso amigo | 44. pulum — meu sêlo (de Correo) |
| 15. el — mão | 45. pullarım — meus sêlos |
| 16. elim — minha mão | 46. sesim — minha voz |
| 17. eller — mãos | 47. sesleriniz — vossas vozes |
| 18. ellerim — minhas mãos | 48. süt — leite |
| 19. ellerimiz — nossas mãos | 49. sütüm — meu leite |
| 20. elleriniz — vossas mãos | 50. sütünüz — vosso leite |
| 21. evim — minha casa | 51. yash — idade |
| 22. gönüllerimiz — nossos corações | 52. yashın — sua idade |
| 23. gönülüm — meu coração | 53. yashım — minha idade |
| 24. gözlerim — meus olhos | 54. yüzüm — meu rosto |
| 25. gözleriniz — vossos olhos | 55. yüzün — seu rosto |
| 26. gözüm — meu olho | 56. yuzlerimiz — nossos rostos |
| 27. gururunuz — vosso orgulho | 57. zilim — meu sino |
| 28. günler — dias | 58. zilin — seu sino |
| 29. güller — rosas | 59. ziller — sinos |
| 30. gülüm — minha rosa | 60. zillerin — seus sinos |

Com base no **corpus** acima, vemos que nessa língua uma das características fundamentais da morfologia é a ocorrência de seqüências regulares de específicas classes de segmentos significativos (ou morfemas). Observamos, através dos exemplos acima a ocorrência de três posições que chamaremos de posições a-b-c, posições essas que somente poderão ser preenchidas por segmentos das respectivas classes “a”, “b”, “c”; sendo que a classe “c” pode indicar $c^1 + c^2$, ou simplesmente c^1 , mas nunca somente c^2 , como podemos ver pelos seguintes itens:

gönül-ler-im-iz (22) a-b-c ¹ -c ²	ses-ler-in-iz (47) a-b-c ¹ -c ²	bashm̄ a-c ¹
el-ler-im (18) a-b-c ¹	adam-lar (2) a-b	göz-üm (26) a-c ¹

Outro fato importante para uma clara compreensão do mecanismo de alternância morfêmica é a dicotomia das vogais em dois grupos distintos: 1. anteriores — i, e, ö, ü; 2. posteriores — i, a, o, u. Esta divisão é muito importante porque há uma série de relacionamentos mútuos entre as vogais dos segmentos da classe “a” e as vogais dos segmentos das demais classes. O contexto condicionante é sempre a última vogal dos segmentos da classe “a” QUE determina que vogais ocorrerão nos segmentos da classe “c”, quando não há ocorrência de segmentos da classe “b”. Porém, quando há ocorrência de segmentos da classe “b”, é a vogal destes que determina a ocorrência das vogais dos segmentos da classe “c”.

A) Quando não há ocorrência de segmentos da classe “b”.

1. Quando a última vogal dos segmentos da classe “a” fôr anterior (i, e, ö, ü), as vogais dos segmentos da classe “c” também serão anteriores, sendo que se a vogal fôr arredondada no segmento da classe “a” também serão arredondadas nos segmentos da classe “c”. P. ex.:

ev-im	gönül-üm
dis-im	göz-üm
el-im	gül-üm
ses-im	gül-ün-üz
zil-im	süt-ün-üz
zil-in	yüz-üm

2. Quando a última vogal dos segmentos da classe “a” fôr posterior (i, a, o, u), as vogais dos segmentos da classe “c” também serão posteriores, sendo que se a vogal fôr arredondada no segmento da classe “a” também serão arredondadas nos segmentos da classe “c”. P. ex.:

balik-îm	kol-um
bash-îm	pul-um
kis-îm	kus-um
kîtap-îm	gurur-un-uz
yash-în	dost-um-uz

B) Quando há ocorrência de segmentos da classe “b”:

1. Funciona o mesmo princípio exposto nos itens A-1 e A-2, entretanto há apenas uma forma em vez de duas; quando a última vogal dos segmentos da classe “a” fôr anterior (i, e, ö, ü) a vogal dos segmentos da classe “b” será também anterior (forma **ler**); quando a última vogal dos segmentos da classe “a” fôr posterior (i, a, o, u), a vogal dos segmentos da classe “b” será também posterior (forma **lar**). P. ex.:

dis-ler	adam-lar
el-ler	balik-lar
gün-ler	kol_lar-îm-iz
göz-ler-im	dost-lar
zil-ler	pul_lar-îm

2. Funciona o mesmo princípio exposto nos itens A-1 e A-2, entretanto, quando houver ocorrência de segmentos da classe “c” precedidos por segmentos da classe “b”, a vogal condicionante será a dos segmentos da classe “b”. P. ex.:

el-ler-im-iz	bash-lar-îm-iz
göz-ler-in-iz	kol_lar-îm-iz
ses-ler-in-iz	kus-lar-im
zil-ler-in	kiz-lar-îm
yüz-ler-im-iz	pul_lar-îm

Pelo que foi já exposto, vemos claramente que a causa dessas alternâncias morfêmicas da língua turca está em contextos fonêmicos. Ou em outras palavras: as variações morfêmicas são fonêmicamente condicionadas e também obedecem ao princípio da distribuição complementar; onde uma variante ocorre, os outros não ocorrem, e vice-versa. Uma vez estabelecidos os elementos e os contextos condicionantes, as variações poderão ser previstas por meio de regras que expressam essas regularidades. Este tipo de variação é geralmente descrita como variação morfo-fonêmica, e geralmente corresponde às chamadas regularidades (como é o caso dos verbos regulares, plurais regulares, das línguas européias) das alternâncias morfêmicas.

Há, porém, um outro tipo de variação morfêmica. Consideremos para análise o seguinte **corpus** da língua suahili:

1. mtoto — criança	watoto — crianças
2. mtu — pessoa	watu — pessoas, gente
3. mpishi — cozinheiro	wapishi — cozinheiros
4. mswahili — homem suahili	waswahili — homens suahilis
5. mshale — flexa	mishale — flexas
6. mti — árvore	miti — árvores
7. mzigo — carga	mizigo — cargas
8. mkufu — corrente	mikufu — correntes
9. mtego — armadilha	mitego — armadilhas
10. ngoma — tambor	ngoma — tambores
11. ngao — escudo	ngao — escudos
12. ndizi — banana	ndizi — bananas
13. ndoto — sonho	ndoto — sonhos
14. mboga — vegetal	mboga — vegetais
15. mbu — mosquito	mbu — mosquitos
16. khuku — frango	khuku — frangos
17. khamba — corda	khamba — cordas
18. thembo — elefante	thembo — elefantes
19. phembe — chifre	phembe — chifres
20. nzige — gafanhoto	nzige — gafanhotos
21. safari — viagem	safari — viagens
22. simba — leão	simba — leões

23. ñumba — casa	ñumba — casas
24. ñuki — abelha	ñuki — abelas
25. kikapu — cesto	vikapu — cestos
26. kisu — faca	visu — facas
27. kitabu — livro	vitabu — livros
28. kipini — cabo	vipini — cabos
29. kiti — banco	viti — bancos
30. kitoto — bebê	vitoto — bebês
31. gari — carroça	magari — carroças
32. shoka — machado	mashoka — machados
33. kasha — armário	makasha — armários
34. jembe — enxada	majembe — enxadas
35. boga — abóboras	maboga — abóboras
36. ubao — pranca	mbao — pranchas
37. ubawa — asa	mbawa — asas
38. udevu — cabelo	ndevu — cabelos
39. ugwe — barbante	ngwe — basbantes
40. uwanda — clareira	mbanda — clareiras
41. ufagio — vassoura	fagio — vassouras
42. ufunguo — chave	funguo — chaves
43. uvumbi — um pouco de poeira	vumbi — muita poeira
44. usiku — noite	siku — noites
45. ushanga — conta de colar	shanga — contas de colar
46. wakati — estação (do ano)	ñakati — estações (do ano)
47. wavu — rede	ñavu — redes
48. wayo — pegada	ñayo — pegadas
49. wembe — navalha	ñembe — navalhas
50. wimbo — canção	ñimbo — canções

Examinando o **corpus** acima notamos que é constituído de itens dispostos em duas colunas, respectivamente singular e plural. Observamos também que a grande maioria dos itens é formada de dois segmentos em duas posições de ocorrência, que podemos designar por posições b-a. P. ex.:

b — a	b — a
m — toto	wa — toto
m — tu	wa — tu
ki — kapu	vi — kapu
ki — pini	vi — pini
w — avu	ñ — avu
w — imbo	ñ — imbo

Tentando descobrir um condicionamento para as alterações observadas, por mais que procuremos causas fonêmicas para as várias alterações, não há o menor indício de regularidade nessas alterações. O único fato que podemos estabelecer é, como já foi dito, (de acôrdo com os procedimentos propostos à página 180) classificar os itens em várias classes condicionados pelo mesmo procedimento de alternância. Temos, portanto, os seguintes grupos:

Classe I — itens com segmentos da classe “b” com a forma m- no singular e com a forma wa- no plural. P. ex.:

b — a	b — a
m — toto	wa — toto
m — pishi	wa — pishi
m — tu	wa — tu

Classe II — itens com segmentos da classe “b” com a forma m- no singular e com a forma mi- no plural. P. ex.:

b — a	b — a
m — shale	mi — shale
m — ti	mi — ti
m — zigo	mi — zigo

Classe III — itens com segmentos da classe “b” com a forma ki- no singular e com a forma vi- no plural. P. ex.:

b — a	b — a
ki — kapu	vi — kapu
ki — su	vi — su
ki — ti	vi — ti

Classe IV — itens com segmentos da classe “b” com as formas u- w- no singular e com as formas m- n- ã ã no plural. P. ex.:

b — a	b — a
u — bao	m — bao
u — bawa	m — bawa
u — devu	n — devu
u — gwe	n — gwe
w — akati	ñ — akati
w — imbo	ñ — imbo

Classe V — itens com segmentos da classe “b” com a forma u- no singular e com a forma ∅ no plural. P. ex.:

b — a	b — a
u — vumbi	∅ — vumbi
u — siku	∅ — siku
u — shanga	∅ — shanga

Classe VI — itens com segmentos da classe “b” com a forma ∅- no singular e com a forma ma- no plural. P. ex.:

b — a	b — a
∅ — gari	ma — gari
∅ — soka	ma — soka
∅ — jembe	ma — jembe

Classe VII — itens com segmentos da classe “b” com a forma ∅- tanto no singular como no plural. P. ex.:

b — a	b — a
∅ — ngoma	o — ngoma
∅ — thembo	o — thembo
∅ — ñumba	∅ — ñumba

Estas sete classes constituem sete procedimentos diferentes de alternância morfêmica (formação do plural dos nomes),

e classificam os nomes da língua suahili. Estas alternâncias, ao contrário das alternâncias morfo-fonêmicas, não podem ser previstas e, portanto, reduzidas a regras. O condicionamento está no próprio morfema classe “a” com o qual o morfema classe “b” está relacionado. Isto com base no corpus acima.

Fato análogo ocorre no latim. Ao lado de formas verbais regulares (chamadas de 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a conjugações, identificadas pelas formas terminadas em -are, -ere, -ere, -ire), e que apresentam o mesmo tema tanto para o chamado **radical do presente** como para o **radical do perfeito**, temos também algumas formas verbais que fogem à esta regularidade. P. ex..

RADICAL DO PRESENTE

RADICAL DO PERFEITO

Verbo capio, is, ere, cepi, captum

indic. pres.	imperfecto	perfeito	subj. imperf.
cap-i-o	cap-ie-ba-m	cepi	cepi-sse-m
cap-i-s	cap-ie-ba-s	cepi-sti	cepi-sse-s
cap-i-t	cap-ie-ba-t	cepi-t	cepi-sse-t
cap-i-mus	cap-ie-ba-mus	cepi-mus	cepi-sse-mus
cap-i-tis	cap-ie-ba-tis	cepi-stis	cepi-sse-tis
cap-i-unt	cap-ie-ba-nt	ceper-unt	cepi-sse-nt

Verbo facio, is, ere, feci, factum

indic. pres.	imperfecto	perfeito	subj. imperf.
fac-i-o	fac-ie-ba-m	fec-i	fec-i-sse-m
fac-i-s	fac-ie-ba-s	fec-i-sti	fec-i-sse-s
fac-i-t	fac-ie-ba-t	fec-i-t	fec-i-sse-t
fac-i-mus	fac-ie-ba-mus	fec-i-mus	fec-i-sse-mus
fac-i-tis	fac-ie-ba-tis	fec-i-stis	fec-i-sse-tis
fac-i-unt	fac-ie-bannt	fec-er-unt	fec-i-sse-nt

Este tipo de alternância morfémica, (como vimos no suahili e no latim), é condicionado pelo próprio morfema e opondo sempre pelo menos duas formas (ou dois alomorfes), como no suahili m-toto em oposição a m-sale — mi-sale, e no latim cap-cep, fac-fec, etc. Estas alternações são morficamente condicionadas, ou constituem alomorfos morficamente condicionados.

Fatos fundamentais sobre os morfemas :

1. segmentos significativos

2. condicionamento e alternância: morfo-fonêmica o ou morfêmica
3. classes de segmentos em seqüências.

h. Junturas. Analisando-se enunciações de uma língua dada, vemos que no fluxo fônico há procedimentos diferentes de transição entre os vários tipos de elementos. Em muitas línguas certos tipos de transição (junturas) são significantes, como podemos ver p. ex., no inglês:

- | | |
|-----------------|-----------------|
| 1. /náyt-rèt/ | 4. /náyt—rèt/ |
| 2. /blék+bírd/ | 5. /blék—bírd/ |
| 3. /lôn+áyliŋd/ | 6. /lôn—áyliŋd/ |

Onde vemos oposição entre os itens 1, 2, 3 e 4, 5, 6. Entre o item 1 e o item 2 há apenas diferença de juntura; entre os itens 2, 3 e 5, 6 há diferença de juntura e acento. Estes fatos nos obrigam a concluir que as junturas são elementos significativos, pois, com sua presença ou ausência obtêm-se mensagens diferentes. Pelo exposto acima também concluímos que há certos relacionamentos entre juntura, acento, e classe morfo-fonêmica. E observamos que as estruturas fonêmica e morfo-fonêmica são interdependentes.

III) FUNDAMENTOS SOBRE OS QUAIS A LINGÜÍSTICA DESCRITIVA SE ASSENTA

a. Linearidade. Ela se baseia no caráter linear ou segmental das línguas. Tôdas as línguas se identificam neste ponto que pode ser descrito como o fator de linearidade ou segmentalidade de seus elementos, desde os menores até os maiores, pois sabemos que nem mesmo dois elementos dados podem ser pronunciados ao mesmo tempo, de uma só vez. Os elementos básicos das línguas se sucedem uns aos outros em cadeia, ligados por vários tipos de transição (junturas) e interrompidos por silêncios. É semelhante a um rôlo de filme que vai pouco a pouco se desenrolando e transmitindo mensagens comunicativas.

b. Regularidade. Como já ficou dito logo no início do presente relato, à página 167, a lingüística descritiva toma como

fatos fundamentais certas regularidades ou padronizações nas línguas. Não há, por outro lado, absolutamente, uma padronização geral e uniforme e comum a tôdas as línguas, mas elas se apresentam sob formas particulares de configuração, e que permite aos lingüistas realizarem análises de seus elementos ou partes, sob critério científico. Não há uma lógica natural nas línguas mas uma padronização que é particular a cada caso. Esta é a característica que também torna possível, a partir de um **corpus** limitado, fazer generalizações válidas para a totalidade de seus elementos; o que é válido para uma parte é válido para a totalidade.

c. Relatividade. Esta relatividade se encontra principalmente

“nas relações de distribuição entre os traços fônicos em questão, i.e., a ocorrência destes traços relativamente uns aos outros, nas enunciações. . . A única relação que será aceita como relevante, é a distribuição dentro fluxo fônico de certas partes ou traços em relação a outros” (Z. S. Harris, **Structural Linguistics**, p. 5).

É neste princípio que está subjacente a noção de oposição ou contraste, executados principalmente através do método de comparação e substituição. É pela comparação e pela substituição que se pode chegar às conclusões sobre a distribuição de certos elementos em relação a outros.

d. Estrutura Fechada das Línguas. Cada língua ou dialeto é uma estrutura fechada. Cada língua e dialeto constitui uma estrutura tôda particular. Não há nem dois dialetos ou línguas por mais semelhantes que sejam (por exemplo o checo e o eslovaco, o hindi e o urdu), que possuam idênticas estruturas. Isto pode ser facilmente demonstrado no caso de um problema de decifração de uma língua desconhecida ou de uma mensagem cifrada e que usa números que substituam os sons ou sinais representativos. O inglês p. ex., é a língua na qual os 7-15-4 = g-o-d; 4-15-7 = d-o-g; 5-15 = d-o; 7-15 = g-o; 7-15-15-4 = g-o-o-d. Nem mesmo línguas muito próximas geneticamente falando poderiam ser decifradas com a mesma chave. Há apenas uma chave para cada língua. A lingüística descritiva, portanto, não toma em consideração causas etimológicas para explicação de fatos descritivos.

e. Elementos Distintos. A língua, ou fala, é constituída ou formada de partes distintas que mútuamente se relacionam. Especialmente para a lingüística descritiva, tanto os elementos

mais simples como os mais complexos são constituídos de sons vocais, i.e., são elementos fônicos com certas características acústicas peculiares. Estes elementos últimos das línguas são de número relativamente reduzido quando considerados sob o ponto de vista de uma língua particular, mas bastante numerosos se fôssemos fazer um inventário completo para representar tôdas as possíveis minúcias dos elementos fônicos existentes em tôdas as línguas.

f. **Caráter Conceptual das Unidades Lingüísticas.** Uma das contribuições mais importantes da lingüística moderna é a caracterização clara e precisa de unidades. Assim como na eletrônica temos o volt, o ohm, o ampere, o watt, etc., que também são conceituações abstratas, ou mentalizações, pois nenhum dêesses elementos têm existência concreta real, assim também na lingüística descritiva, as unidades em si são descritas e consideradas como mentalizações conceptuais, independentes de suas expressões concretas. É por isso que se diz, p. ex., que um fonema dado é impronunciável, o que realmente pronunciamos são os seus alofones ou variantes posicionais. Esta noção está sujeita no conceito de distribuição, que é princípio fundamental, e condição **sine qua non** da análise lingüística descritiva.

g. **Níveis de Estruturação.** Cada língua ou dialeto existentes no mundo apresentam certos níveis distintos de estruturação. Com um propósito um tanto diverso, o antropólogo A.L. Kroeber propôs três níveis distintos: inorgânicos, orgânico, superorgânico. Comentando-o, o Prof. J. Mattoso Câmara Jr. diz o seguinte:

“Ao mundo físico se acrescenta, em nível superior, um mundo biológico, ou orgânico, e daí parte para a criação humana, ou cultural, num terceiro nível super-orgânico”.
(Princípios de Linguística Geral. p. 19).

Na lingüística descritiva não se pode de modo algum ignorar os vários níveis de estruturação.

Uma das mais sugestivas explanações sôbre esta questão foi apresentada pelo lingüista B. L. Whorf, no seu artigo “Language, Mind, and Reality” in **Language, Thought, and Reality**. p. 248:

“Na ciência da lingüística, os fatos do plano lingüístico nos levam ao reconhecimento de planos seriados, cada um explicitamente condicionado por uma ordem ou padronização. É como se olhássemos para uma parede coberta com delicados desenhos em forma de renda, e descobríssemos que êste padrão servia de base para um padrão mais vasto, porém ainda delicado, de pequenas flôres; e tendo observado êsse padrão floral, veríamos que inúmeros espaçamentos constituíam outro padrão, como num pergaminho, e que grupos formavam letras, e as letras se analisadas numa certa seqüência, se constituiriam em palavras, e as palavras linhadadas em coluns. agrupariam objetos, e assim por diante, em contínua padronização até descobrirmos que esta parede era — na realidade — um grande livro de sabedoria”!

O fato básico a êsse respeito é que os elementos simples do nível estruturalmente “inferior” em conjuntos, vão formar os elementos simples do nível estruturalmente “superior”, os quais, por sua vez, vão se constituir nos elementos simples de um outro nível estruturalmente ainda mais elevado, formando uma complexa estruturação de níveis distintos. Porém, êstes diferentes níveis são mutuamente interdependentes e inter-relacionados, não são “compartimentos estanques”, mas subestruturas de uma estrutura mais vasta e universal.

h. Variabilidade dos Elementos. Como já ficou demonstrado no capítulo II, os elementos lingüísticos não têm formas absolutas; apresentam variações ou alterações de acôrdo com certos condicionamentos. Os elementos lingüísticos não existem isoladamente a não ser sob um ponto de vista de identificação e não na expressão real da fala. Retirar a variabilidade dos elementos é como separar as côres vermefho-amarelo-verde das luzes do tráfeço, que assim permaneceriam inúteis e sem sentido. A variabilidade, ligada ao reacionamento dos elementos entre si, é fato fundamental das línguas.

1. Contraste. É um dos fundamentos da noção de fonema, morfema, etc. O contraste é o fator que diferencia uma mensagem que poderia ser dita de uma outra que também poderia ter sido dita. A lingüística descritiva usa o contraste, ou ausência de contraste, como um dos critérios mais básicos para o estabelecimento de elementos e padrões lingüísticos.

j. Distribuição. Como já ficou dito antes, a noção de distribuição (especialmente a noção de distribuição comple-

mentar), ligado à noção de unidades conceptuais, embora uma teorização, é um elemento necessário para agrupar vários segmentos pertinentes, com uma base de relacionamento comum. para simplificar e sistematizar a descrição lingüística.

Observação Importante: Devido à inexistência de símbolos fonéticos apropriados foram adotados neste trabalho os seguintes substitutivos:

- [ó] — vogal posterior baixa tensa
- [ae] — vogal anterior baixa branda
- [i] — vogal central alta tensa
- [ã] — vogal central média branda
- [ʔ] — oclusiva glotal
- [ch] — africada palatal surda
- [zh] — fricativa côncava surda branda
- [sh] — fricativa côncava surda tensa
- [ng] — nasal velar
- [lw] — lateral velarizada
- [ly] — lateral palatizada
- [lh] — lateral retroflexa

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

1. L. BLOOMFIELD, *Language*.
2. A. CART e outros, *Grammaire Latine*.
3. H. A. GLEASON, *An Introduction to Descriptive Linguistics*.
4. H. A. GLEASON, *Workbook in Descriptive Linguistics*.
5. Z. S. HARRIS, *Structural Linguistics*.
6. J. Mattoso Câmara Jr., *Princípios de Linguística Geral*.
7. E. A. NIDA, *Morphology*.
8. E. SAPIR, *Selected Writings of Edward Sapir*.
9. TRAGER & SMITH, *Outline of English Structure*.
10. E. SAPIR, *A Linguagem*.
11. B. L. Whorf, "Language, Mind, and Reality".

INTERVENÇÕES:

Prof. MATTOSO CAMARA JR.

1) Considera o morfema exclusivamente como segmento fônico?

R.) — O autor responde que o morfema não está ligado necessariamente ao conceito de segmento fônico. O morfema pode ser definido com a alternância, como ocorre, p. ex., no inglês em **foot feet**.

Prof. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

3) — Qual é a língua que o senhor chama de machipu?

R.) — O nome machipu foi a resposta que uma informante deu à pergunta — Como se chama a sua língua? Deduz-se, entretanto, que está língua é uma forma da língua Cuicuru.

Prof. JOÃO PENHA

3) Seria possível incluir o português na exemplificação?

R.) Na elaboração do trabalho tentei usar línguas que expressassem da melhor maneira possível os pontos discutidos. Por isso não pensei nem em excluir ou incluir o português. Simplesmente tomei os melhores exemplos.

Prof. NELSON ROSSI

4) — A neutralização de **êste êsse** no Brasil teria uma causa estrutural. A distinção se faria com advérbio: **êste aqui, êste aí; êsse aqui, êsse aí**.

R.) — Devido a uma falha na gravação não se pôde apurar a resposta dada; registrou-se um esclarecimento do Prof. Mattoso Câmara ao Prof. Nelson Rossi: — O emprego de **aquí e aí** não é a causa da neutralização, mas a consequência, como o francês **ci, là**. **Este, êsse, aquêle**, em português, correspondem às três pessoas. O inglês considera só a posição do falante. No Brasil se elimina a categorização do ouvinte. Uma causa seria o emprêgo anafórico. A simplificação da morfologia verbal, eliminando o **tu**, teria facilitado a neutralização.